

REMEMORANDO AS ANTIGAS LIVRARIAS DE BELÉM DO PARÁ: UM ESTUDO COM BASE NAS ETIQUETAS E CARIMBOS DOS LIVROS DA COLEÇÃO ANNUNCIADA CHAVES

Resumo: O presente estudo tem o objetivo geral de fazer um mapeamento das livrarias, tipografias, distribuidoras, gráficas e congêneres que existiram em Belém do Pará, ao longo do século XX, por meio da consulta às etiquetas e carimbos de propriedade que vinham apenas aos livros. E tem como objetivos específicos: a) Indicar onde os estabelecimentos que se ocupavam da preparação e venda de livros se situavam; b) Identificar quem eram seus proprietários; c) Averiguar qual a nacionalidade de seus proprietários; e, d) Verificar com que segmento de livros trabalhavam. O corpus foi extraído a partir da consulta das obras que compõem as coleções do Memorial do Livro Moronguêta. Essa metodologia foi desenvolvida a partir de estudos de Ubiratan Machado que utilizou esse procedimento para levantar as livrarias existentes no Brasil, cujo resultado foi publicado na obra *A Etiqueta do Livro: subsídios para a história das livrarias brasileiras*. Foram obtidos um total de 41 livrarias. Constatou-se com o estudo um decréscimo considerável das livrarias posto que das 41 existentes em Belém no século XX, sobraram apenas duas – A Livraria da Universidade Federal do Pará e a Livraria Nossa Senhora dos Corações.

Palavras-chave: Livrarias – Belém (PA). Etiquetas de livro. Carimbos de livro.

Elisangela Silva da Costa
Doutoranda em História Social da
Amazônia
UFPA
orcid 0000-0003-0996-8627
lisa@ufpa.br

Maria de Nazaré Sarges
Doutora em História
UFPA
sarges@ufpa.br

RECALLING THE OLD BOOKSTORES AT BELEM CITY IN PARÁ STATE, BRAZIL: A STUDY BASED ON THE LABELS AND STAMPS OF BOOKS OF ANNUNCIADA CHAVES COLLECTION

Abstract: The general objective of this study is to map the bookstores, typographies, distributions, publishers, printers and similar establishments that existed in Belém do Pará throughout the 20th century by consulting the ownership labels and stamps that were attached to the books. And its specific objectives were as follows: a) To indicate where the establishments that dealt with the preparation and sale of books were located; b) To identify who owned them; c) To ascertain the nationality of their owners; and, d) To verify which segment of books they worked with. The corpus was extracted by consulting the works that make up the collections of the Moronguêta Book Memorial. This methodology was developed from studies by Ubiratan Machado, who used this procedure to survey the bookstores in Brazil, the result of which was published in “*A Etiqueta do Livro: subsídios para a história das livrarias brasileiras*”. A total of 41 bookstores were obtained. The survey revealed a considerable decrease in the number of bookstores, since of the 41 that existed in Belém in the 20th century only two remained: Livraria da Universidade Federal do Pará and Livraria Nossa Senhora dos Corações.

Keywords: Bookshops – Belém (PA). Book labels. Book stamps.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A produção e circulação de livros em Belém sempre foi escassa, posto que a capital do Pará se localiza na parte setentrional do Brasil, e embora o descobrimento do Brasil tenha se dado no nordeste, as riquezas e desenvolvimento foram se engendrando a partir do sudeste, relegando a parte setentrional a um segundo plano, devido não ter sido encontrado *a priori*, ouro e prata, neste local (COSTA, 2017). Desta maneira o Norte do Brasil sempre ficou a reboque, configurando aquilo que Sanjad (2010) chama de coruja de minerva, que sobrevoa a superfície para observar o panorama depois que as coisas aconteceram.

O contato com a palavra escrita em Belém do Pará se inicia com os Franciscanos, que foi a primeira ordem religiosa a chegar nessas terras (COSTA, 2017). Entretanto, os livros só podiam ser trazidos da Europa para Belém, com a permissão de oficiais reais, posto que, o alvará de 20 de março de 1720, impedia a implantação de manufaturas (inclusive a tipografia) nas províncias da colônia (LAJOLO, 1996).

Essa permissão só veio ser concedida muito tempo depois, mais precisamente em 1820, por iniciativa de João Francisco Madureira, que estava empenhado em trazer uma prensa para a província paraense, no entanto acabou desistindo por vários embargos políticos. Retornou a Belém do Grão-Pará em 1823 por conta da adesão do Pará à Independência do Brasil (DIEGUES JÚNIOR, 1976).

Todavia, a primeira tipografia oficialmente autorizada só veio se consolidar de fato com Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, em 1821 comprou uma prensa tipográfica de segunda mão em Lisboa, e a enviou à Belém do Pará, trazida por seu amigo Simões da Cunha, e pelos tipógrafos Daniel Garção de Melo, Luis José Lazier e José Antonio Alvarez (MASP, 1979), com o intuito de publicar o primeiro periódico do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, merecidamente intitulado de: *O Paraense* (COELHO, 1989).

Foto 1 – Felipe Patroni



Fonte: CLUBE FELIPE PATRONI (2016)

Foto 2 – O Paraense, periódico seminal do Norte do Brasil.



Fonte: BN Digital (2021)

O Paraense de Patroni teve vida breve, posto que seu idealizador foi um líder da revolta popular da Cabanagem, posteriormente ele foi perseguido e o periódico impedido de circular sobre a alegação de pregar ideias separatistas e contrárias a corte portuguesa.

Deve-se, portanto, a Felipe Patroni, os primeiros incunábulo do Pará, muito embora se tenha pouquíssimos exemplares de *O Paraense*, salvaguardados no Arquivo Publico do Estado do Pará (APEP), na Fundação Biblioteca Nacional¹ (FBN); entretantes, coleção mais completa pode ser encontrada nos Arquivos da Torre do Tombo em Lisboa (COELHO, 1989).

O legado da tipografia foi mantido em terras paraenses pelo carioca Honório José dos Santos, que também esteve as voltas com as ondas separatistas, tendo sido por isso preso e deportado para Portugal, porém Honório conseguiu provar inocência e retornou ao Pará em 1823, e desde aí, mesmo ocupando cargos públicos, continuou se dedicando a arte da tipografia e sendo perseguido pelo mesmo motivo, o que o levava a constantemente mudar o endereço e a denominação de sua oficina, que já se chamou: “Santos & Menores”, “Santos & Filhos” e finalmente “Santos & Irmãos” (MASP, 1979, p. 16).

Belém tinha relações comerciais muito consolidadas com o Reino de Portugal motivada pela sua estratégica localização geográfica. Fato é, que foi difícil desfazer esses laços, posto que o Pará foi uma das últimas províncias da América portuguesa a aderir à Independência do

¹ A FBN possui os números sequenciais de 1-22 e o número 44, os quais podem ser consultados on-line por meio da hemeroteca digital via URL <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paraense/819301>.

Brasil, movimento ocorrido em 07 de setembro de 1822, porém os paraenses só aderiram a Independência em 15 de agosto de 1823.

Apesar da adesão tardia e a posterior eclosão da revolta da Cabanagem (1835-1840), ocasionaram um depauperamento da província do Pará, que só veio se reerguer com a consolidação do êxito da borracha como insumo de um ciclo econômico, fato que atraiu as atenções do mundo para Belém. E, no último quartel do século XIX até o primeiro quartel do século XX vivemos um período fausto denominado de *Belle Époque* (CARNEIRO, 2015).

A *Belle époque* paraense trouxe: luz elétrica, urbanização, arborização, saneamento, vida noturna e sobretudo afrancesamento (SARGES, 2000). Belém teve que amadurecer do dia para noite, de uma pacata província com feições portuguesas herdada dos colonizadores a uma metrópole com ares parisienses, que naquele momento histórico era o símbolo de civilidade e modernidade, como dizia Monteiro Lobato as pessoas mais ricas e com alto nível de instrução tinham que ter ido a Paris, conhecer os hábitos parisienses ou no mínimo imitá-los para serem respeitadas pela sociedade.

É nesse período de efervescência da *Belle Époque* que foram implantadas em Belém: o Lyceu Paraense (atual Escola de ensino Médio Paes de Carvalho, fundada em 1841), o Museu Emilio Goeldi (atual Museu Paraense Emilio Goeldi, em 1866), a Biblioteca e Arquivo Público do Pará (atuais Biblioteca Pública Arthur Vianna e Arquivo Público do Estado do Pará, fundados em 1871), a Escola Normal (atual Instituto de Educação do Estado do Pará, fundado em 1871). Enfim instituições de ensino, erudição e pesquisa que fomentavam a cultura livresca. Esse empreendimento motivou a vinda de livreiros estrangeiros para Belém, sobretudo os portugueses, que viram nas terras belenenses a possibilidade de ascenderem socialmente, chegando aqui no mais completo anonimato; e, em pouco tempo, se firmavam como grandes comerciantes. No Rio de Janeiro, os livreiros estrangeiros predominantes foram os franceses, (MACHADO, 2003) mas em Belém do Pará a maior ocupação foi portuguesa muito provavelmente por conta da colônia.

Belém vivia a sua *Belle époque* e teve que em pouco tempo mudar seus ares de uma cidade pacata, para uma grande metrópole – o portão de entrada da Amazônia. Nestes termos, muitas mudanças se faziam necessárias principalmente nos hábitos da elite belenense que a todo custo queria afrancesar-se, que àquela época Paris era a capital do mundo, um modelo a ser mimetizado, por todas as cidades pretendiam se mostrar como civilizadas, e que exalavam

modernidade, fenômeno que o filósofo Benedito Nunes (2001, p. 39) chamara de *Luteciomania*².

Nesse período de fastígio, houve uma grande proliferação de cafés, cinemas, turnês de companhias de teatro, operas, madrigais, cantatas; e, sobretudo de livrarias, que se configura como objeto de estudo desta pesquisa.

Com base no exposto, resolveu-se fazer um levantamento das livrarias que existiram em Belém do Pará por meio da análise dos carimbos e etiquetas constantes nos livros que compõem a biblioteca Anunciada Chaves do Memorial do Livro Moronguêta da Universidade Federal do Pará. Sendo assim, a pesquisa temo por diretriz os seguintes objetivos: a) geral: fazer um mapeamento das livrarias que existiram em Belém do Pará, ao longo do século XX. E tem como objetivos específicos: a) identificar as antigas livrarias de Belém; b) Indicar onde os estabelecimentos livreiros se situavam; c) Averiguar que tipo de obras vendiam; d) Levantar qual a nacionalidade dos livreiros; e; e) Coletar os meios de comunicação (carimbos, etiquetas) utilizavam para divulgar seu negócio.

Ressalta-se que se trata de uma pesquisa preliminar pois é a contribuição da autora deste estudo ao Projeto de Pesquisa “Marcas de Proveniência e Cultura Material”, coordenado pelo Prof. Dr. Fabiano Cataldo de Azevedo, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), posto que o levantamento de informações sobre os livreiros que atuaram em Belém do Pará ainda está muito lacunoso e demanda a feitura de muitas pesquisas, ou seja, é um campo fértil em plena expansão.

2 O LOCUS DA PESQUISA

O Memorial do Livro Moronguêta da Universidade Federal do Pará (MLM/UFPA) foi eleito como ambiente dessa pesquisa devido ser um espaço que reúne publicações que pertenceram a grandes intelectuais que nasceram no Pará ou que tiveram atuação destacada na cena intelectual paraense. Foram pessoas que tiveram a trajetória existencial longa e tinham em comum a bibliofilia. Com isso obtivem uma massa documental coesa e cuja análise permite inúmeras possibilidades de estudo.

² Esse termo Nunes adotou para nomear o afrancesamento de Belém porque Lutecia era o antigo nome de Paris na época do Império Romano.

2.1 O *corpus* analisado

Para realizar a pesquisa, em uma primeira etapa, foram analisados 2.805 livros da biblioteca particular da Profa. Annunciada Chaves; no sentido de coletar informações sobre: as livrarias onde foram comprados, quem eram os proprietários destes estabelecimentos, de onde eles vieram, onde as livrarias se localizavam, que tipo de produtos vendiam além de livros e que canais de distribuição utilizavam para divulgar suas mercadorias. Os dados coletados foram armazenados em um banco confeccionado no Software Microsoft Excel. E como recorte temporal, adotaram-se as datas limites de 1923 (ano do livro mais antigo) a 2006 (ano da obra mais recente encontrada no acervo da Profa. Annunciada Chaves).

O *corpus* foi extraído a partir da consulta das obras que compõem a Biblioteca particular da Profa. Annunciada Chaves, a referida biblioteca foi escolhida devido ao fato da antiga proprietária ter uma quantidade expressiva de livros antigos que foram produzidos ou vendidos em Belém ao longo do século XX e início do século XXI. Ademais alguns dados extraídos nesta pesquisa servirão de insumos para a tessitura de minha tese de doutorado intitulada: O Itinerário intelectual da Profa. Annunciada Chaves: 1915-2006, a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Nazaré Sarges.

2.2 Sobre a proprietária

Maria Annunciada Ramos Chaves foi uma célebre jurista e professora paraense, nascida em Belém do Pará em 16.12.1915. Filha do contador Joaquim Chaves e da Sra. Maria da Ascensão Ramos Chaves, no seio de uma abastada família tradicional paraense (SARGES, 2016).

Annunciada Chaves foi uma das primeiras mulheres a obter nível superior no Brasil, posto que a autorização para que as mulheres pudessem estudar em cursos de nível superior no Brasil só foi concedida, no final do século XIX, motivadas pelo Art. 16 do Decreto imperial n. 8.024 de 12 de março de 1881.

Com o advento da República a sociedade brasileira passou a primar pelo estudo, conhecimento e princípios positivistas. Essa valorização da erudição também auxiliou as

mulheres a dar continuidade a seus estudos, quando muito as mulheres cursavam a Escola Normal, e se tornavam professoras.

De todo modo poucas eram as moças que àquela altura atingiam nível superior, sobretudo, as moças de classes favorecidas economicamente, não era comum a elas cursar nível superior e muito menos ingressar no mercado de trabalho.

Todas essas mudanças legislativas e políticas, ocorridas na transição do século XIX para o XX, auxiliaram Annuciada Chaves a dar seguimento a sua trajetória acadêmica. Assim, em 1932 ela ingressou na Faculdade Livre de Direito do Pará e embora tenha recebido nota máxima em todas as disciplinas que cursara a cada semestre tinha que apresentar uma carta escrita pelo seu pai autorizando sua matrícula no semestre seguinte; sem este documento ela não poderia se matricular, apesar do desempenho acadêmico irrepreensível. Há época somente as estudantes tinham que apresentar tal documento. E, em 1836, graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Pará, e foi laureada com o prêmio “Teixeira de Freitas” (BECKMANN, 2006).

Apesar de ser advogada, Annuciada teve grande projeção no ensino de História, iniciando-se nesta atividade precocemente, aos dezoito anos, cursando a 3ª série do curso jurídico, quando começou a lecionar as disciplinas História e Geografia no Colégio Moderno (cuja direção assumiria posteriormente), no período de 1934-1952. Ela também lecionou as mesmas disciplinas no Instituto Gentil Bittencourt (1937-1941), do Colégio Santa Rosa (1939-1943) e no Colégio Estadual Paes de Carvalho (REGO, 2002, p. 148).

Annuciada também contribuiu para a diversificação³ do ensino superior no Pará, por ter sido uma das fundadoras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (atual Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), que teve no prof. Antônio Gomes Moreira Júnior seu grande idealizador, e aliado à Paula Chaves (irmã de Annuciada), Benedito Nunes, Napoleão Figueiredo, Armando Bordallo, Nilza Fialho, Anaisa Vergolino, Ruth Moraes, Braga Eloy, Ubiratan Rosário e Ubiratan Santana (ASSIS, 2007), instituição criada em 17 de janeiro de 1948 sob a chancela do Centro Propagador de Ciências (UFPA, 1977).

³ Posto que antes de 1948 só existiam as seguintes instituições de ensino superior em Belém: Faculdade de Direito (1902), Faculdade de Odontologia (1914), Faculdade de Medicina (1919), Escola de Engenharia (1931), Faculdade de Farmácia (1941) e Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais (1947). Para mais informações, consultar (UFPA, 1977).

Annunciada também se destacou na seara administrativa, tendo ocupado o cargo de Sub-Reitora de Extensão e Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Pará, exercendo-o por oito anos, atravessando os mandatos dos Reitores Aloysio Chaves (gestão 1969-1973) e Clóvis Malcher (gestão 1973-1977). (BECKMANN, 2006). Annunciada foi uma das poucas mulheres a compor a alta cúpula administrativa da Universidade em plena ditadura militar.

Na esfera científica, pertenceu: ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará (ocupante da cadeira de n. 65), à Academia Paraense de Letras (ocupante da cadeira de n. 22, de 1975-2006), à Sociedade Paraense de Educação e ao Conselho Estadual de Cultura - do qual foi uma das fundadoras; e, posteriormente, presidente por doze anos (REGO, 2002).

Annunciada era constantemente convidada para assumir cargos políticos, no entanto ela os preteria em prol de instituições educacionais e culturais. Destarte, ela nunca se furtou em auxiliar o poder público no desenvolvimento de ações educativas e culturais (DAMASO, 1997).

Por volta dos anos 2000, Annunciada passou a se dedicar mais à editoração de periódicos científicos, tais como: a *Revista de Cultura do Pará* e a *Revista da Academia Paraense de Letras*, e gradativamente ela foi se retirando do cenário intelectual paraense (BECKMANN, 2006).

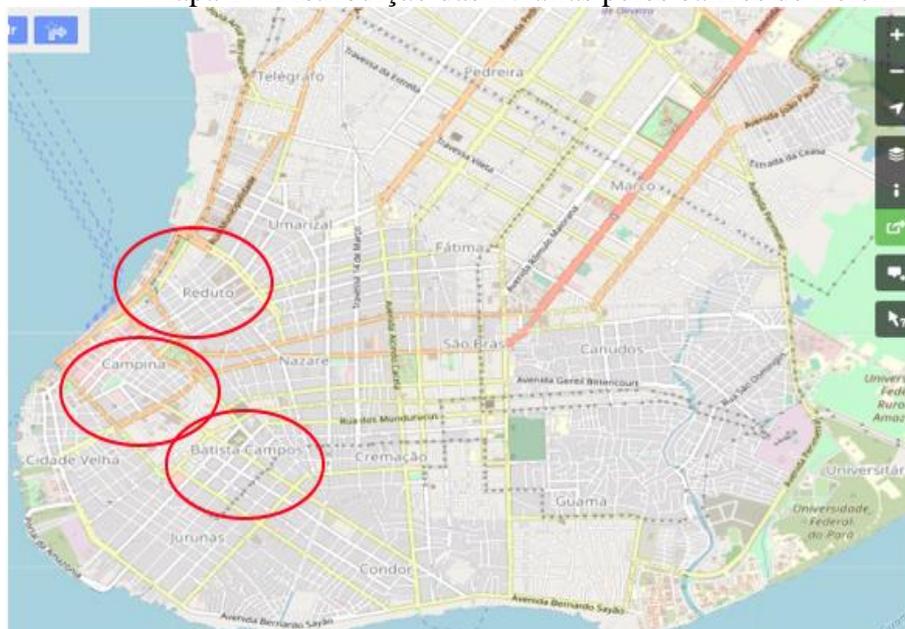
3 REFERENCIAL TEÓRICO

Essa pesquisa se insere no campo do Patrimônio bibliográfico, partindo da perspectiva que o repertório obtido constitui uma contribuição para a escrita da história da palavra impressa no Norte do Brasil. Tomando por base o conceito de Paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, é útil para nos auxiliar a perceber pormenores que ajudam a construir um *corpus* de análise que permitiram identificar sujeitos e ambientes agentes no cenário da cultura livresca belenense. Para tornar a pesquisa exequível baseou-se na metodologia desenvolvida por Ubiratan Machado que há anos se dedica a levantar dados sobre as livrarias brasileiras por meio das etiquetas apenas aos livros vendidos por antigas livrarias brasileira, cujo resultado foi publicado nas obras: *A Etiqueta do Livro: subsídios para a história das livrarias brasileiras*. E no *Pequeno Guia das Livrarias Brasileira*.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Da consulta aos 2.805 livros que compõe o acervo de Annuciada Chaves foi possível extrair um montante de 41 livrarias existentes em Belém do Pará no período de 1923 a 2006. Como o cerne desta pesquisa reside no itinerário das livrarias o primeiro dado coletado foi identificar o bairro onde havia maior concentração destes estabelecimentos; e a pesquisa de campo revelou que foi o bairro da Campina (Mapa 1), concentrando 81% das livrarias belenenses no recorte temporal de 1923 a 2006. No entanto, a localidade que possui menos livrarias foi o bairro do Guamá, concentrando somente 2% destes estabelecimentos.

Mapa 1 - Distribuição das livrarias pelos bairros de Belém

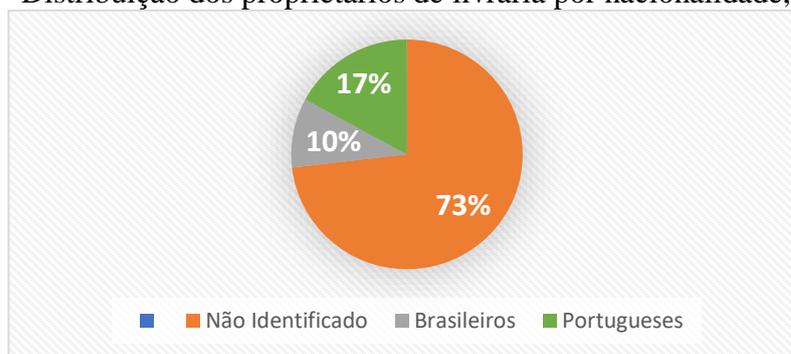


Fonte: OpenStreetMap (2020).

Quanto a distribuição de livrarias por ruas, o logradouro que mais concentrava estabelecimentos livreiros, no recorte temporal estudado foi a Rua Conselheiro João Alfredo, que congregava nove livrarias naquele perímetro (Tabela 1). Os logradouros que apresentaram uma escassez de livraria foram: R. Augusto Correa, R. Tamoios e Tv. Rui Barbosa, apresentando uma livraria cada (Tabela 1). Machado (2008, p. 83), denominou a Rua Conselheiro João Alfredo, como: “a rua das livrarias” de Belém do Pará, justamente por esse predomínio de livreiros no logradouro.

fenômeno muito presente nas imigrações transatlânticas. Imigravam juntos de uma mesma comunidade, irmãos, amigos, vizinhos, compadres, tios e sobrinhos”. Entretanto, reconhece-se que estes dados ainda estão deficitários pois ainda não foi possível identificar a origem de todos os proprietários cujos nomes foram arrolados nesta pesquisa, como pode ser visto no gráfico 2.

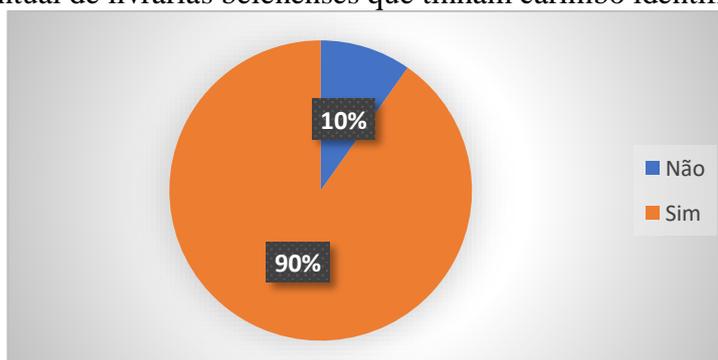
Gráfico 1 – Distribuição dos proprietários de livraria por nacionalidade, 1923-2006.



Fonte: Pesquisa de campo, (ago. 2019/fev. 2020)

O modo como os livreiros atraíam os compradores também foi uma preocupação para essa pesquisa, e como trabalhou-se no Acervo da Prof. Anunciada Chaves, foi dada prioridade à coleta de dados contido nos próprios livros. Desta feita, as principais formas de propaganda encontradas foram: os carimbos e as etiquetas das livrarias. Com base nos dados coletados observou-se uma predileção dos livreiros pelo carimbo, posto que 90% a maioria dos livreiros adotou este meio de identificação para divulgar as suas mercadorias (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Percentual de livrarias belenenses que tinham carimbo identificativo, 1923-2006.



Fonte: Pesquisa de campo, (ago. 2019/fev. 2020)

Em adição, a Foto 2 exibe um conjunto de carimbos extraídos dos livros da Profa. Anunciada Chaves.

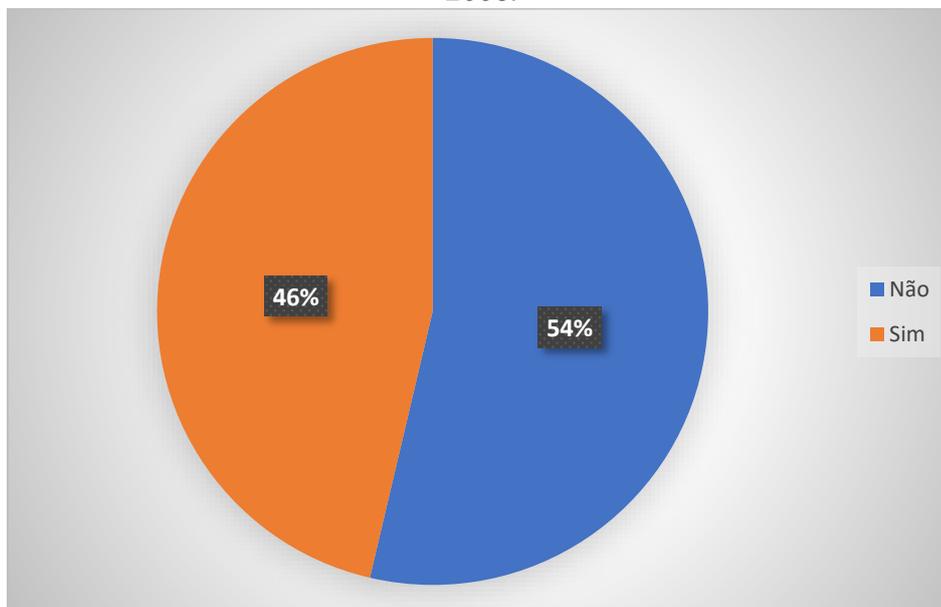
Foto 2 – Carimbos das livrarias belenenses



Fonte: Pesquisa de campo, (ago. 2019/fev. 2020)

A outra modalidade de divulgação eram as etiquetas das livrarias. No entanto se compararmos a quantidade de livrarias que adotavam o uso de etiquetas como elemento identificativo e divulgador de seus estabelecimentos comerciais percebemos que o percentual foi bem menor se comparado com os carimbos. Infere-se que houve esta discrepância devido ao fato da etiqueta ser uma propaganda mais refinada; e, por conseguinte mais cara. Ao final deste artigo exibiremos os carimbos e etiquetas das livrarias belenenses existentes em Belém no período de 1923 a 2006.

Gráfico 3 – Percentual de livrarias belenenses que tinham etiquetas identificativas, 1923-2006.



Fonte: Pesquisa de campo, (ago. 2019/fev. 2020)

Como fora dito anteriormente o trabalho ainda está em uma fase preliminar e muito ainda precisa ser pesquisado para poder fornecer um panorama mais holístico sobre o mercado livreiro de Belém. Entrementes, um dado que não era preocupação desta pesquisa, mas que acabou emergindo durante a sua feitura foi que das 41 livrarias identificadas somente duas ainda se encontram em atividade, a saber a *Livraria da UFPA* e a *Livraria Nossa Senhora Rainha dos Corações*. Este fato é muito preocupante, porém ele não ocorre somente em Belém do Pará. João Soares em matéria veiculada em 2019, no site de notícias da UOL, afirmou que” O mercado editorial brasileiro encolheu mais de 20% em uma década, com perdas que somam R\$ 1,4 bilhão”. E que uma grande editora, a Martins Fontes teve que suspender o contrato que tinha com a Livraria Cultura para não decretar falência. Soares atribui a crise financeira que assola o país, o alto investimento nas lojas e a predileção dos clientes pelas compras via comércio eletrônico como os vilões do *debâclê* do comercio livreiro nacional. Guardadas as devidas proporções infere-se que o desaparecimento das livrarias belenenses também pode ter sido motivado pelas mesmas causas, porém isto é matéria para outras pesquisas.

Durante a pesquisa de campo coletamos as seguintes etiquetas das livrarias paraenses em que o sujeito da pesquisa adquiriu seus livros.

Foto 3 – Etiquetas das livrarias belenenses



Fonte: Pesquisa de campo, (ago. 2019/fev. 2020)

A coleta de dados nos permitiu arrolar as seguintes livrarias e proprietários que compuseram a cena livreira paraense no período de 1923 até 2006, complementados com técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, como se pode ver a seguir:

a) *Livraria Alfacinha*⁴, que inicialmente foi criada por Tavares Cardoso e posteriormente vendida a Alfredo Pinheiro, que por sua vez repassou a firma para seu irmão Altino Pinheiro, que modificou o nome do estabelecimento para *Papelaria da Moda*.

Foto 4: Altino Pinheiro, proprietário da Papelaria da Moda



Fonte: REGO (2002, p. 24)

Foto 5: Fachada da Livreria Alfacinha

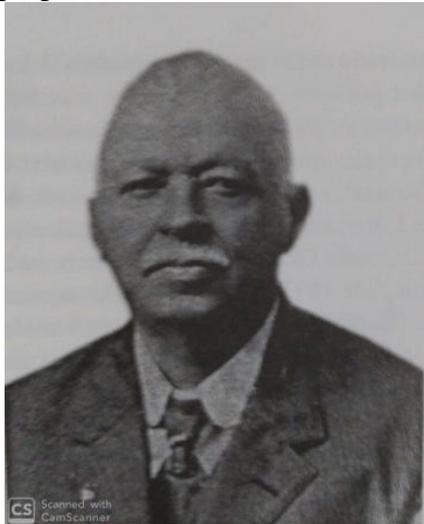


Fonte: REGO (2002, p. 24)

⁴ O nome Alfacinha é típico para se referir aos lisboetas, e de fato advém da verdura alface. Guilherme Martins adverte que o uso do termo no diminutivo, tem duas acepções: tanto pode ser considerado afetivo, quanto depreciativo. Como pontua Martins a explicação pende mais para a segunda acepção, quando diz que: “[...] É que provavelmente foram os moçárabes dos arrabaldes, a quem os lisboetas chamavam saloios (da palavra çaloio, que era o tributo pago pelos padeiros mouros de Lisboa), que devolveram o cumprimento, comparando os lisboetas a grilos pelo gosto das alfaces que cultivavam, comiam e encomendavam aos almocreves que pagavam os seus tributos nas portas de Benfica para entrarem na cidade”. (MARTINS, 2017).

b) *Livraria Universal Tavares Cardoso*: era muito refinada, e fazia jus ao nome Universal, pois boa parte dos livros e revistas importados que chegavam a Belém via Livraria Tavares Cardoso. Importados não eram só os livros nela vendidos como também: elementos estruturais e ornamentais que compunham o estabelecimento que vieram da Inglaterra. O prédio tinha três andares (Ver foto 7). Ressalta-se, também que este estabelecimento fornecia uma grande variedade de cartões postais, fazia exposições de arte, etc (MACHADO, 2008).

Foto 6: Eduardo Tavares Cardoso, proprietário da Livraria Universal



Fonte: REGO, 2002, p. 36

Foto 7: Vista interior da Livraria Universal



Fonte: ROCHA JÚNIOR (2008)

João Lúcio Azevedo (1855-1933), antes de se tornar um conhecido historiador, trabalhou na Livraria Universal (BARBOSA, 1976) e, posteriormente, acabou abrindo uma filial da Universal em Lisboa⁵.

O prédio existe até os dias de hoje, ainda é um estabelecimento comercial, mas ao invés de vender livros, lá são vendidas confecções. O prédio está bastante descaracterizado no

⁵ O trânsito de João Lúcio de Azevedo entre importantes temas historiográficos lusos e amazônicos, lhe rendeu uma homenagem em 28 de setembro de 2017 (MONTEIRO, 2017), quando foi instituída a Cátedra João Lúcio de Azevedo; esta cátedra está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia e à Pró-Reitoria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pará, e visa: “estreitar os laços de cooperação entre instituições de investigação brasileiras e portuguesas. A Cátedra enfatiza os estudos nos campos da História e da Cultura, bem como as suas interfaces com o patrimônio, a literatura e as artes, o urbanismo, entre outras áreas complementares, na perspectiva de contribuir para a ampliação dos conhecimentos sobre a história e a cultura luso-amazônica”. Desde sua criação, a Cátedra tem a Profa. Dra. Maria de Nazaré Sarges como diretora e o Prof. Dr. Aldrin Moura Figueiredo como vice-diretor (UFPA, 2018a).

pavimento inferior, porém no pavimento superior é possível ver as linhas originais de um belo prédio com influência mourisca.

Foto 8: Fachada da Livraria Universal nos tempos áureos



Fonte: REVISTA PARAENSE (1909, p. 5).

Foto 9: Loja Sandra Modas (antiga Livraria Universal).



Fonte: COSTA, E (2020). Acervo particular.

c) *Livraria Bittencourt*: era um estabelecimento especializado em artigos musicais, além de livros sobre ritmos, biografia de cantores e músicos, ou sobre instrumentos musicais, possuía, libretos e partituras.

d) *Livraria Clássica*, que possuía uma outra filial no n. 61 da mesma Rua Conselheiro João Furtado. Seu proprietário era o português Joaquim Batista dos Santos, que comprou o estabelecimento de João Garibaldi Tavares Viana e Manoel Francisco da Silva. Segundo o jornalista Cláudio de La Rocque Leal (2003, p. 7) dizia: “biblioteca paraense sem um livro com o selo da Clássica, assim como sem um que tenha sido encadernado por Tó Teixeira não é biblioteca que se preze”. A *Clássica* foi uma das livrarias mais longevas que Belém teve, funcionou até meados dos anos 1960 na João Alfredo, depois sua sede foi transferida para Trav.

Padre Eutíquio, por lá permanecendo por quase vinte anos, apenas nos segmentos de papelaria, livraria e encadernação; passados treze anos nova mudança de sede ocorreu, desta vez o bairro escolhido foi a Cidade Velha, mais precisamente na Rua Doutor Assis no n. 113; porém três anos depois, a Clássica declarou falência (REGO, 2002, p. 26).

Foto 10: Alexandre Couto, um dos proprietários da Livraria Clássica



Fonte: REGO, 2002, p. 25

Foto 11: Última sede da Livraria Clássica



Fonte: REGO, 2002, p. 25

e) *Livraria D. Quixote*: uma das livrarias de vida mais breve no circuito livreiro belenense, porém, apesar da curta existência (pois foi inaugurada no início de 1960 e fechada em fins de 1961), esse estabelecimento comercial ofereceu alguns diferenciais que a destacavam em meio as outras livrarias belenenses, como pode ser visto na foto 12.

Foto 12 – Propaganda da Livraria D. Quixote.



Fonte: MACEDO, 1964

A Livraria D. Quixote oferecia livros atinentes as temáticas intelectuais discutidas nos anos 1960, e sua seleção era bastante visionária, adequada aos intentos de seu proprietário. O nome da Livraria era condizente com a audácia de seu criador, pois como aduziu Elias Pinto (2001, p. 55) “[...] Haroldo Maranhão um contumaz consumidor de livros, resolvera passar para o outro lado do balcão a pôr em prática a quixotesca ideia de abrir uma livraria, que veio receber o nome, claro, de ‘Dom Quixote’ [...]”.

A D. Quixote localizava-se na Av. Presidente Vargas, n. 351, na Loja n. 18 do Edifício Palácio do Rádio e ficava próxima ao Cinema Paládio, e, portanto, era frequente atrair os cinéfilos que acompanhavam as novidades livrescas antes de se deleitar com a sétima arte.

Um feito memorável ocorrido na livraria D. Quixote foi a noite de autógrafos do filósofo francês Paul Sartre, que há época estava em turnê de lançamento (anteriormente Sartre tinha passado por Rio de Janeiro, Araraquara, São Paulo, Salvador, Brasília, Recife, Olinda e Fortaleza) de sua obra *Furacão sobre Cuba*. Sartre veio acompanhado de Simone de Beauvoir e naquela noite autografaram não só o lançamento, como outras obras publicadas anteriormente, para uma turba de admiradores que fez filas quilométricas, em um episódio que movimentou Belém do Pará (MACHADO, 2008).

Desgostoso com a estagnação profissional a que vinha sendo acometido nos meandros do *Jornal A Folha do Norte*, devido divergências políticas, Haroldo Maranhão resolveu vender a livraria e se mudar para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 2004. Mesmo antes de sua partida para o Rio de Janeiro, Haroldo Maranhão pretendia vender sua biblioteca particular, para a UFPA ou qualquer outra instituição congênere. No entanto, seu desejo só foi concretizado em 2001. Em um convênio firmado entre o Governo do Estado do Pará e a empresa Vale do Rio Doce. Após a compra, o acervo composto por 6.000 volumes foi acondicionado em sala própria na Biblioteca Pública Arthur Vianna, da Fundação Cultural do Pará e encontra-se disponível à consulta pública (MEDINA, 2012).

f) *Livraria Nossa Senhora Rainha dos Corações*, situada na Tv. Frutuoso Guimarães, n. 15 se encontra a geminada á Igreja das Mercês, a livraria é especializada em livros católicos e existe até os dias de hoje.

Foto 13 – Livraria Nossa Senhora Rainha dos Corações



Fonte: Google Maps (2021)

g) *Livraria Contemporânea*: esse estabelecimento comercial funcionava no pavimento inferior do Foto Fidanza⁶, cujo proprietário era José Luiz Amaro (posteriormente a Livraria Contemporânea mudou-se para a Tv. 15 de novembro, n. 89). Essa geminação da livraria ao estúdio era muito providencial, porque um dos carrões chefes da Contemporânea eram os cartões-postais, *hobby* fomentado pela ampla prática da fotografia. Conforme Pereira (2006), o mundo começou a conhecer a Amazônia pelas fotografias de Fidanza, pois estamparam os famosos álbuns: *Álbum de Vistas do Pará* (1899); *Álbum de Belém* (1902) e *Álbum de Manaus-Amazonas* (1901-1902).

Foto 14 - Fachada da Livraria Contemporânea



Fonte: REGO (2002, p. 28)

⁶ Felipe Augusto Fidanza (1847-1903) foi um fotógrafo português que teve grande projeção em seu ofício com fotografia no norte do Brasil, futuramente suas fotografias iriam fomentar a novel indústria de cartões-postais (ENCICLOPÉDIA CULTURAL ITAÚ, 2017).

A *Livraria Contemporânea* tinha como diferencial a venda de Almanques, especialmente, o *Bertrand* e o do *Porto*.

h) *Livraria Bittencourt*, cujo proprietário era Raymundo Lameira Bittencourt. A livraria funcionava em sede própria na Rua Conselheiro João Alfredo, n. 45. A Livraria Bittencourt possuía como diferencial a venda de livros musicais, partituras e, sobretudo, cartões postais.

i) *Livraria Vitória*, dirigida por Raimundo Saraiva Freitas & Cia. Conforme Elias Ribeiro Pinto (2001), essa livraria: “foi a primeira que Benedito Nunes, frequentou. ‘Eu era muito novinho e não tinha dinheiro, mas dava para comprar os pequenos livros da coleção *Os Pensadores*, da Editora Vecchi, que trazia entre outros, excertos de *Schopenhauer* e o *Breviário do Homem de Bem* de Benjamin Franklin [...]’ recorda o professor”.

j) *Livraria da UFPA*: surgiu a partir da Editora da UFPA. Inicialmente funcionou em uma sala pertencente à Biblioteca Central da UFPA, com entrada independente da Biblioteca, porém, com o crescimento das publicações a serem vendidas, a Livraria do campus passou a ter sede própria no início do Campus básico da Cidade Universitária José da Silveira Netto.

Foto 15 – Atual sede da Livraria da UFPA



Fonte: UFPA (2018b).

k) *Livraria Globo*, dirigida por Alberto da Luz Pinheiro. Essa livraria era especializada em livros didáticos, desde as séries iniciais até o nível superior. Atualmente, neste local, funciona

a Papelaria Brazz Brazz, pela foto abaixo é possível perceber que os traços arquitetônicos do prédio foram mantidos.

Foto 16: Alberto Pinheiro



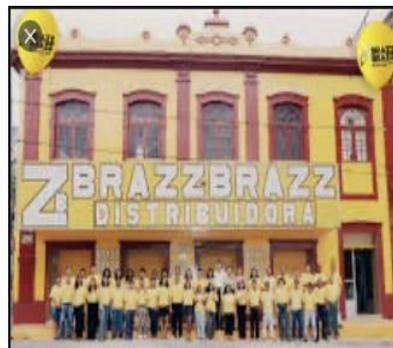
Fonte: REGO (2002, p. 23)

Foto 17: Sede da Livraria Globo



Fonte: REGO (2002, p. 23)

Foto 18: Papelaria BRAZZ BRAZZ



Fonte: BRAZZ BRAZZ (2020)

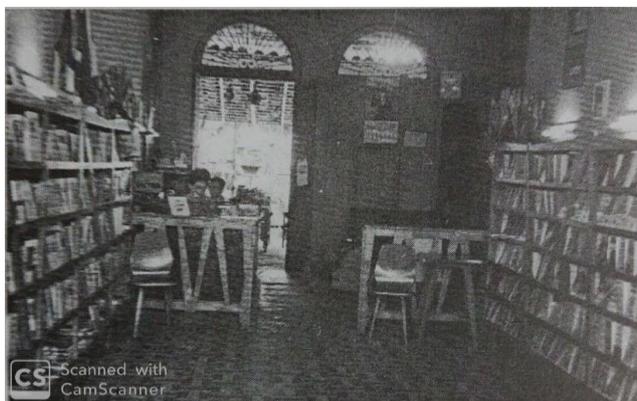
l) *Livraria Companhia Editora Nacional*, dirigida pelo Sr. Antônio Pereira do Nascimento, situada na Rua Senador Manoel Barata no n. 60, local onde Annunciada adquiriu as suas *Brasilianas*⁷.

Foto 19: Antônio Pinheiro do Nascimento, representante em Belém da CEN.



Fonte: REGO (2002, p. 29)

Foto 20: Sede da Representação da Companhia Editora Nacional em Belém



Fonte: REGO (2002, p. 30)

⁷ Ressalta-se que somente quem possuía a coleção completa de *Brasilianas* era o maior bibliófilo do Brasil, José Mindlin, que doou sua coleção na integralidade para Universidade de São Paulo (USP) em janeiro de 2005. Além do acesso físico é possível acessar os livros em sua integralidade da Coleção Brasileira gratuitamente via URL: <https://www.bbm.usp.br>. Já em Belém do Pará o colecionador com maior acervo das *Brasilianas* foi José da Silveira Netto, reitor da Universidade do Pará, no período de 1960-1969, cujos exemplares estão disponíveis para consulta na Biblioteca Central da UFPA.

m) Na Travessa Campos Sales era possível localizar livrarias muito famosas de Belém, tais como: a *Agência Martins*, n. 15, dirigida por Albano Martins, que além de livros era um importante centro de venda de jornais e artigos de papelaria; passando seis casas ficava a *Livraria Escolar*, de propriedade de Porto de Oliveira, que, fazendo jus a seu nome, se ocupava de fornecer obras didáticas. Este estabelecimento não se dedicava somente à venda, como também à editoração de livros didáticos.

Foto 21: Sede da Agencia Martins



Fonte: REGO (2002, p. 33)

Foto 22: Propaganda da Agencia Martins



Fonte: REVISTA PARAENSE (1909, p. 10).

n) *Livraria Econômica*, de Eduardo Failache, no pavimento inferior do Hotel Nova América, próximo ao antigo prédio da Biblioteca e Arquivo Público do Estado do Pará (atual Arquivo Público do Estado do Pará). A *Livraria econômica* vendia livros técnicos, didáticos e muitos livros sobre a Amazônia.

Foto 23: Eduardo Failache.



Fonte: REGO (2002, p. 33)

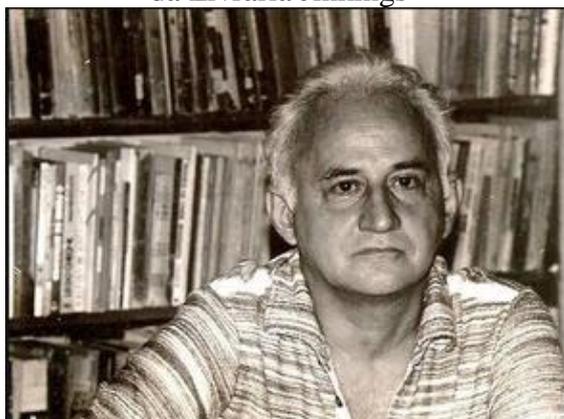
Foto 24: Sede da Livraria econômica



Fonte: REGO (2002, p. 33)

o) Fora do circuito tradicional de ruas localizadas entre os bairros do Comércio e da Campina, tínhamos na Rua dos Tamoios, n. 1592, a famosa *Livraria Jinkings*, seu proprietário Raimundo Jinkings, que comprou aquele ponto comercial que antes era a *Boate Batuk*, o feito inusitado rendeu até uma matéria nos principais meios de comunicação da época (BEVILAQUA, 1979).

Foto 25: Raimundo Jinkings, proprietário da Livraria Jinkings



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2020)

Foto 26: Sede da Livraria Jinkings



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2020)

Raimundo Jinkings começou o seu ofício de livreiro, vendendo livros nas feiras livres de Belém, depois passou a vender livros de porta em porta, posteriormente se tornou representante comercial da Editora Brasiliense, até conseguir fundar a sua própria livraria em 22 de outubro de 1965 (ASSUNÇÃO, 2015).

Em pouco tempo a Livraria “Jinkings” se tornou o ponto de encontro de muitos intelectuais em Belém, e por isso se tornou alvo da patrulha constante do Serviço Nacional de Informações (SNI), inúmeras obras à venda na Jinkings foram apreendidas pela Polícia, pois os censores da Ditadura sempre as julgavam como “subversivas” (OLIVEIRA, 2012).

Com o processo de abertura política e as Diretas Já, Raimundo Jinkings pôde exercer seu ofício de livreiro com mais liberdade. A Jinkings se expandiu, além da matriz da Batista Campos, abriu mais uma filial no Shopping Iguatemi (atual Shopping Pátio Belém) em 1993, no Colégio Moderno nos municípios de Santarém, Castanhal e até no estado do Amapá.

Após intensa atividade livreira e política, Raimundo Jinkings falece em 05 de outubro de 1995. Em 2013, o que restou do estoque e a Biblioteca Particular de Raimundo Jinkings foram doados para o Memorial do Livro Moronguetá.

5 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

A circulação da cultura letrada nem sempre é uma pauta de discussão nos meios biblioteconômicos, tradicionalmente voltados para os problemas de organização, armazenamento e disseminação do conhecimento. Entrementes, esta pesquisa, apesar de embrionária, apresentou dados de estabelecimentos livreiros, por onde circularam grandes intelectuais do Pará e que, se não fossem as etiquetas e carimbos constantes nos livros da biblioteca particular de uma eminente estudiosa paraense, pouco ou nada saberíamos sobre estes importantes centros de divulgação do saber.

O próprio resultado da pesquisa revelou o quão é difícil obter informações sobre esses espaços e seus agentes culturais, porém é justamente aí que reside a importância e a necessidade de se realizar trabalhos desta envergadura.

Muito se tem publicado sobre a Editora José Olympio, Francisco Alves, a Garnier, mas pouco se sabe sobre Tavares Cardoso, os irmãos Pinheiros, Eduardo Failache, ou o nosso D. Quixote - Haroldo Maranhão.

Com base nos resultados encontrados, percebe-se que há uma necessidade de investir mais em pesquisa desta natureza para ajudar a contar a história destes intrépidos comerciantes que se dedicaram a arte de “semear livros e fazer o povo pensar”, como dizia Castro Alves (1971).

A história das livrarias e o patrimônio bibliográfico nem sempre são questões levantadas nas pautas biblioteconômicas, no entanto, este estudo levantou dados dos estabelecimentos livreiros por onde circularam grandes intelectuais belenenses; cuja recuperação desses dados só foi possível devido ao paradigma indiciário fornecido pelos carimbos e etiquetas constantes nos livros da biblioteca particular de Annunciada Chaves.

O resultado mais impressionante obtido na pesquisa revelou um decréscimo na quantidade que livrarias que ao longo do século XX chegaram a ser quarenta e um estabelecimentos livreiros e atualmente apenas duas daquele montante resistiram, um fenômeno que vem ocorrendo com certa frequência no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: INL, 1971
- ASSIS, Eneida. Vivendo a UFPA: 1965-1973. In: MELLO, Alex Fiuza Bolonha de (org). *UFPA 50 anos: relatos de uma trajetória*. Belém: Edufpa, 2007. P. 77-90.
- ASSUNÇÃO, Suelene S. *O Livreiro Raimundo Jinkings: a venda de livros e a divulgação do Comunismo no período da Ditadura Militar em Belém – PA*. 2015. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: <http://lcweb2.loc.gov/hlas/portugues/jabc.html>. Acesso em: 30 out. 2019.
- BARBOSA, José M. A. O Elogio de João Lúcio de Azevedo e Themístocles Santana Marques. *Rev. do Tribunal de Contas do Estado do Pará*, Belém, v. 6, n. 9, p. 195-220, jul./dez. 1976.
- BECKMANN, Clodoaldo F. R. Homenagem à Maria Annunciada Chaves. *Rev. Cult. do Pará*, v. 17, n. 2, p. 177-182, jul./dez. 2006.
- BEVILAQUA, Jaime. Fantástico. Fechou boate, abriu livraria. *A Província do Pará*, Belém, 30 set. 1979. Caderno A, p. 10.
- BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. *O Paraense*. 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paraense/>. Acesso em: 14 de maio 2021.
- CARNEIRO, Orlando. Testemunhando a história. In: PARÁ. Governo do Estado. Junta comercial do Pará. *Marcas do tempo: registro de marcas comerciais do Pará, 1895 a 1922*. Belem: Secult ; Jucepa, 2015.
- CLUBE FELIPE PATRONI. *Quem foi Felipe Patroni?* 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/clubefelipepatroni/posts/572579132948370/>. Acesso em: 14 maio 2021.
- COELHO, Geraldo Mártires. *Letras & Baionetas: novos documentos para a história da imprensa no Pará*. Belém: Cejup, 1989.
- COSTA, Elisangela Silva da. *A Ação Pedagógico-formativa da Companhia de Jesus na província do Grão-Pará: 1653-1759*. Curitiba: CRV, 2017.
- DAMASO, Daniele. *Annunciada: a história de um compromisso*. [1997]. Orientador: Lúcio Flávio Pinto. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel (Coord.). *História da Cultura Brasileira*. Brasília: MEC; CFC; FENAME, 1976. 2V., v. 2.

ENCICLOPÉDIA CULTURAL ITAU. *Felipe Augusto Fidanza*. 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21622/felipe-augusto-fidanza>. Acesso em: 24 set. 2019.

GUIMARÃES, Luiz A. V. *De chegadas e partidas: migrações portuguesas no Pará (1800-1850)*. Orientador: Antônio Otaviano Vieira Júnior. 2016. 371 f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7231/1/Tese_ChegadasPartidasMigracoes.pdf. Acesso em: 05 set. 2019.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LEAL, Cláudio de La Rocque. A História da Clássica, uma Alexandria n'América. *O Liberal*, Belém, p.7, sábado, 31 de maio de 2003. Caderno Cartaz.

MACEDO, Paulo de. *Roteiro da cidade de Belém*. Belém: [s.n.], 1964.

MACHADO, Ubiratan. *A Etiqueta do Livro: subsídios para a história das livrarias brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MACHADO, Ubiratan. *Pequeno guia das livrarias brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MARTINS, Guilherme D'Oliveira. *Por que alfacinhas?* Centro Nacional de Cultura. 2017. Disponível em: <https://www.cnc.pt/diario-de-agosto-i-porque-alfacinhas/>. Acesso em: 06 nov. 2019.

MEDINA, Maria Juliana da Silva. *Três faces de Haroldo Maranhão: o leitor, o jornalista, o escritor*. 2010. 261 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

MONTEIRO, Glauce. *Embaixador de Portugal Assina Cátedra do Instituto Camões na UFPA*. 29.09.2017. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/658-embaxador-de-portugal-assina-catedra-do-instituto-camoes-na-ufpa>. Acesso em: 18 ago. 2019.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP). *História da tipografia no Brasil*. [São Paulo]: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, 1979.

NUNES, Benedito. Paris n' América. *Asas da Palavra*, Belém, v. 6, n. 12, p. 38-39, jul. 2001.

OLIVEIRA, Alfredo. *Cabanos & Camaradas*. Belém: [s.n.], 2012.

PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. *Fotografia e modernidade na cidade de Belém (1846-1908)*. Orientadora: Prof. Dr. Maria de Nazaré Sarges. 2006. 190 f. Dissertação (mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4368>. Acesso em: 26 ago. 2019.

PINTO, Elias Ribeiro. Livrarias e Leitores de Belém. *Asas da Palavra*, Belém, v. 6, n. 12, p. 56, jul. 2001.

REGO, Clóvis Silva de Moraes. *Subsídios para a história do Colégio Estadual Paes de Carvalho*. Belém: Edufpa; LA Ed., 2002.

REVISTA PARAENSE, Belém, v. 1, n. 6, p. 5, 10 de abril de 1909.

ROCHA JÚNIOR, Francisco. *Livraria Universal*. Flanar. 2008. Disponível em: <http://blogflanar.blogspot.com/2008/08/livraria-universal.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; Belém: MPEG, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SARGES, Maria de Nazaré. *Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. Belém, 2016. 13 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Cátedra João Lúcio de Azevedo. *Histórico*. 2018a. Disponível em: <https://cjlida.blogspot.com/p/historico.html>. Acesso em: 18 ago. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *University bookshop*. 2018b. Disponível em: <https://www.slideshare.net/lauravieira/ufpa-122791952>. Acesso em: 15 fev. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Informativo da UFPA: UFPA 20 anos*. Ed. Histórica, Belém, jun. 1977.